

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



O NEGACIONISMO MITIGADO NA IMPRENSA JORNALÍSTICA BRASILEIRA ENTRE OS ANOS DE 1990 E 2000.

Gabriela Cruz Abreu¹, Janizi das Dores Rodrigues², Clarissa Benjamin de Queiroz³, Sônia Maria de Meneses Silva⁴

Resumo: O negacionismo histórico é direcionado a diversas temáticas e tornou-se uma problemática preocupante na contemporaneidade, especialmente com o advento das mídias sociais digitais. Todavia, o termo negacionismo não surge exatamente em nossos dias. Sua chegada no Brasil se deu por volta dos anos 1980 com a publicação de passagens textuais do negacionista David Irving em jornais de grande circulação na esfera pública brasileira, como em O Globo e a Folha de São Paulo. Assim, o objeto deste trabalho, fruto de pesquisas desenvolvidas em um projeto de Iniciação Científica/PIBIC financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, é pensar como se deu a construção mitigada desse cenário negacionista no Brasil, por meio da negação velada na atuação da grande imprensa e periódicos jornalísticos, que produziram uma narrativa de abrandamento, esquecimento e negação de temas como a Ditadura Militar brasileira.

Palavras-chave: Negacionismo. Ditadura Militar. Imprensa.

¹ Universidade Regional do Cariri. Email: gabriela.abreu@urca.br

² Universidade Regional do Cariri. Email: janizi.rodrigues@urca.br

³ Universidade Regional do Cariri. Email: clarissa.benjamin@urca.br

⁴ Universidade Regional do Cariri. Email: sonia.meneses@urca.br

1. INTRODUÇÃO

O conceito de negacionismo, apesar do termo ter adquirido maior circulação nas últimas décadas, foi elaborado por volta dos anos 1980 pelo historiador francês Henry Rousso em seu livro “A Síndrome de Vichy” (Avelar, Bevernage, Valim, 2021). O intelectual viu a necessidade de desenvolver um termo que conceituasse as práticas de negação do Holocausto e do genocídio judeu no período pós-Segunda Guerra Mundial por figuras como Robert Faurisson, Paul Rassinier e David Irving. Os nomes em questão, se diziam revisionistas e alegavam estar fazendo uma revisão do conhecimento histórico e trazendo à tona uma outra versão ou verdade sobre o episódio do Holocausto.

Entretanto, seus argumentos tinham como base central o falseamento sobre pesquisas históricas, a manipulação das fontes históricas com a deslegitimação dos testemunhos, criando, assim, uma argumentação de negação dos acontecimentos históricos referentes ao genocídio judeu. Tais práticas foram amplamente denunciadas por Pierre Vidal-Naquet (1988) em seu livro “Os assassinos da memória”. Outrossim, no Brasil, o negacionismo adentrou a cena pública também pelo debate de negação do Holocausto, com a publicação de textos sobre o livro do negacionista inglês David Irving em jornais como O Globo, Folha de São Paulo e Jornal do Brasil como aponta o historiador e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF Odilon Caldeira Neto (2009). Ou seja, a imprensa tradicional brasileira abriu espaço para a propagação de ideias negacionistas e falseamentos históricos, antes mesmo do advento da Internet e das mídias digitais.

Importante destacar que, os discursos negadores, manipulam dois pilares fundamentais para a ciência que, se usados na medida correta, são portas para novas reflexões e ampliação do conhecimento, mas, que em dimensões exacerbadas, solapam qualquer possibilidade de conhecimento, referimo-nos ao exercício da dúvida na ciência, transformada pelos negacionistas em suspeita e o relativismo, transformado em ceticismo destruidor. Assim, as últimas décadas do século XX assistiram a uma transformação conjuntural extremamente acelerada com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e da Internet, que segundo o historiador, Bruno Leal (2016, p. 43), são um dos

fenômenos históricos mais importantes da história da comunicação e da história contemporânea.

A ascensão das empresas de mídia e tecnologias da comunicação, inclusive as tradicionais, conforme já havia demonstrado Habermas (2003), possibilitou a formação de uma organização econômico-social baseada no princípio de que a informação, por si mesma, é um produto. Entretanto, além de uma constatação inicial de que o negacionismo atingiu status perigoso no tempo presente, a proposta do projeto intitulado “A Negação Mitigada: a grande imprensa e a proliferação de ideias negacionistas (Brasil 1990-2000)” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em História Cultural – LAPEHC e coordenado pela Profa. Dra. Sônia Meneses, tem como proposta recuar um pouco mais no tempo para compreender outras narrativas distribuídas na chamada grande mídia e que, até aqui, não foram caracterizadas como negação.

O argumento que pretendemos investigar é: questionar em que medida, discursos de amenização, desculpabilização e abrandamento circularam livremente em jornais de grande circulação nacional e alimentam uma rede de conteúdo negacionista que, hodiernamente, se apresenta de forma poderosa na esfera pública brasileira. Dessa forma, a historiadora Sônia Meneses (2023)⁵ desenvolveu o conceito de negacionismo mitigado como sendo uma ferramenta que estrutura uma rede sustentada na negação de passados sensíveis da história e processos traumáticos, violências, racismos e autoritarismos sem que sejam tipificados ou identificados como negação explícita. A negação da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), do genocídio indígena e o mito da democracia racial são exemplos desse tipo de negacionismo.

O trabalho se debruça na investigação de dois jornais de referência no Brasil: O Globo e Folha de São Paulo. A partir da investigação de textos de opinião produzidos por escritores, jornalistas e outros personagens, pretendemos, ao longo dos 12 meses de pesquisa previstos no projeto submetido ao CNPq e no cronograma de atividades, mapear conteúdos de cunho negacionista a fim de

⁵ III Ciclo de Pesquisa ProfHistória/Uesb, 2023. 1 vídeo (3h 06min). Publicado pelo canal PROFHISTÓRIAUESB. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qT1y5Za7fAw>>. Acesso: 03 nov. 2023.

entender em que medida se estabeleceu uma rede da negação projetada como acervo futuro de discursos e representações negacionistas na cena pública.

2. OBJETIVO

O objetivo é investigar os discursos negacionistas projetados na cena pública brasileira, a partir de jornais de grande circulação, como O Globo e a Folha de São Paulo, com a finalidade de mapear discursos de abrandamento e amenização sobre temas sensíveis da história brasileira. Ademais, também é previsto a realização de um levantamento sobre as principais notícias falsas e negacionismos que circularam na esfera pública brasileira entre os anos de 1990 a 2000, construir um acervo desse material a ser armazenado no Laboratório de Pesquisa em História Cultural – LAPEHC para fins de pesquisa, apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos acadêmicos, promover um curso online sobre negacionismos aberto ao público em geral, adquirir um acervo de livros para fundamentar a pesquisa e produção audiovisual entre outros.

3. METODOLOGIA

A pesquisa original e que deu origem a este trabalho está dividida em duas etapas metodológicas, sendo elas: o levantamento e a sistematização de fontes jornalísticas, que tem por base o tratamento e a análise documental e a análise discursiva, com o intuito de analisar amostragens do acervo coletado. Na primeira fase de pesquisa, realizamos um levantamento de dados aprofundado em plataformas digitais, além do mapeamento e da construção do acervo de dados coletados a partir dos sites dos jornais O Globo e Folha de São Paulo. Nessa atividade, são priorizados o levantamento quantitativo de dados e a sistematização dos mesmos. Enquanto na segunda fase, almejamos executar uma análise minuciosa do material coletado na etapa anterior. Após a sistematização de dados, a partir das linhas de ação do projeto que são, negacionismo da Ditadura Militar, negacionismo ambiental e negacionismo da Covid-19, no caso deste trabalho específico, referente à linha da Ditadura Militar, realizaremos a análise discursiva da produção.

4. RESULTADOS

Este projeto já se encontra em sua segunda etapa de constituição, uma vez que faz parte de uma investigação mais ampla e engloba uma vasta investigação no ecossistema midiático brasileiro. Assim, destaca-se que já conseguimos construir um importante acervo de fontes documentais em termos de centenas de arquivos armazenados e sistematizados, são eles:

- a) Mapeamento, seleção, arquivamento e análise de produtos ligados a agências de checagem;
- b) Mapeamento, seleção, arquivamentos de matérias e textos de cunho negacionistas no Jornal Folha de São Paulo entre 1990 a 2010;
- c) Início do mapeamento do jornal O Globo em andamento;
- d) Criação de uma página no Instagram com dezenas de postagens sobre o projeto em uma ação de divulgação científica;
- e) Participação em eventos nacionais e internacionais com publicações em anais discutindo os resultados das pesquisas;

Nesse momento, temos em andamento a investigação e análise do material do jornal O Globo, procurando construir uma espécie de rede de colunistas e articulistas que produzem matérias de cunho negacionista nesse veículo.

5. CONCLUSÃO

Entendemos que os meios de comunicação fazem usos constantes do passado, o que demonstra a influência da história e a mobilização de capital gerada por acontecimentos pretéritos para o jornalismo, como ressalta Marialva Barbosa (2016). Em outros termos, aponta-se para a produção de sentidos históricos feitos pelos meios jornalísticos e usos públicos e políticos do passado como mobilizadores de ideologias. Assim sendo, a imprensa torna-se uma importante fonte de investigação para a realização e efetivação deste trabalho, pois se trata de um expressivo instrumento formador de opinião, sobretudo em um país onde a mídia e os jornais seguem sendo ferramentas significativas de influência na formação ideológica de uma parcela da sociedade civil. Consequentemente, trabalhar com a análise de jornais de grande circulação auxilia na percepção do poder de mobilização de opinião pública desses veículos

de informação e o papel participativo na conjuntura atual da problemática envolvendo os negacionismos históricos. Assim, diante do exposto, sugere-se na pesquisa em andamento que foi com a articulação desses discursos na imprensa jornalística, garantindo lugar de fala a personalidades negacionistas como Olavo de Carvalho, Ali Kamel, Diogo Mainardi e outros, que entre fins do século XX e início do século XXI, o negacionismo tornou-se o fenômeno que é atualmente, campo de propagação frutífero nas mídias digitais. Outro ponto de inflexão importante a ser pensado neste trabalho é compreender como o passado é projetado nesses veículos de mídia e como essas escritas de fronteira conseguem operar com distintos construtores de sentidos históricos (Meneses, 2019, p. 71).

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Imprensa e história pública**. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, p. 121-131, 2016.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. Antíteses, vol. 2, n. 4, pp. 1097-1123, jul-dez., 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 2003.

LEAL, Bruno. **História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo**. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

MENESES, Sônia. **História e mídia: as apropriações do passado numa escrita de fronteira**. In: REIS, Tiago; SOUZA, Carla; OLIVEIRA, Monalisa; JÚNIOR, Américo. (Org.). Coleção História do Tempo Presente. Roraima: Editora UFRR, v. 1, p. 63-77, 2019.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. **Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de pesquisa**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 42, nº 87, 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo.** Campinas: Papyrus, 1988.